

El poder del analista

Fídias César y Adriana Sorrentini

Em sua busca pelo analista, o analisando percorre um caminho que passa pelos representantes dos pais idealizados, os que detêm um poder cuja fonte é os pais da infância. O analista, investido de um poder conferido pelo analisando, lhe oferece ajuda para liberá-lo do conflito edípico no qual, paradoxalmente, em função do papel parental em que está colocado, ele mesmo é protagonista.

É, então, na transferência que encontramos o poder do analista, que é o dos pais, numa série de registros que vão desde as origens até a resolução do complexo de Édipo. A transferência comprova que o adulto não superou sua dependência infantil. Essa dependência alcança as relações de objeto originais, que dão lugar às primeiras identificações. Os efeitos dessas primeiras identificações são, segundo Freud, em O ego e o Id, universais e duradouros. Isto nos remete à gênese do ideal do eu e à primeira e mais valiosa identificação, que é direta e imediata: com os pais.

A observação da transferência nos mostra que nos seus fundamentos estão as identificações diretas, que aparecem em termos ideais. Em casos extremos, o analista ocupa o lugar desses objetos e adquire um poder extraordinário sobre o paciente: de profeta, salvador e redentor, abandonando o de analista – torna-se ator da tragédia que outrora foi a situação analítica. Numa certa medida esse papel ideal está presente nos fundamentos de toda análise. Quando na análise predomina a transferência amistosa, é dado ao analista o poder de sugestão necessário para que o analisando “supere as resistências e cancele os recalcamientos” (Klein).

A transferência dos objetos fundamentais (ego ideal, tabu do incesto etc.) é que dá o máximo poder ao analista. Por isso ele pode, com suas intervenções, modificar expressões somáticas, fazendo desaparecer sintomas.

A magia e a vocação

Algumas considerações sobre magia e animismo – compreensão do mundo dos espíritos a partir dos mortos, dos cadáveres - nos ajudarão a conhecer o poder do analista sobre o paciente. Também nos levam ao entendimento da vocação indispensável subjacente à formação analítica. Tradicionalmente as pessoas ligadas à magia são médicos, coveiros, carrascos e barbeiros. Todos se ocupam do corpo. Em particular, do cadáver. É dessa familiaridade com a morte que se define a vocação. O futuro mago crê ter recebido certos poderes do oculto, crê ter sido chamado por uma potência oculta. Chamado = vocare = vocação. A revelação, o chamado e a visita dos espíritos dão lugar ao passo seguinte: a consagração no ofício ou profissão. O postulante sente-se de posse de algo que lhe dá um poder especial sobre os demais e sobre si mesmo. Desde o início do processo o postulante a mago é conduzido por seu mestre, que lhe transmite os segredos da ciência.

Na formação analítica, além dos estudos teóricos, a análise didática e as supervisões dão conta de uma transmissão que só é possível sob transferência. A abstinência está presente tanto na magia como na psicanálise. Ela é a reação contra o incesto, marca a presença do mesmo dentro do enquadre analítico. Entre as concepções animísticas presentes na magia, estão a atemporalidade e a anespacialidade (características do ics), assim como a transferência dos espíritos de uma pessoa para outra com extrema mobilidade, o que se assemelha à teoria das identificações e transferências. A magia também tem seu enquadre, com lugar e tempo determinados e, em sua aplicação, a palavra ocupa um lugar privilegiado.

A transferência desde os fundamentos. O “cadáver”

Nos fundamentos de ambas as teorias estão os pais originários todo-poderosos, sepultados, e seus derivados ideais. O “sepultado”, que aparece na consciência com o conceito de morte e se representa como o cadáver, está na base na transferência. Corresponde às identificações originais com os pais e com a cena primária. A transferência do “cadáver” e a identificação do analista com o mesmo e com seus conteúdos fazem deste o pai todo-poderoso a quem o filho-paciente está submetido.

O poder do analista é resultado de transferências do “cadáver” do pai. Tem, portanto, fundamentos incestuosos e trágicos - a tragédia edípica. Para a teoria psicanalítica, a identificação com os objetos perdidos, ausentes – os mortos – que correspondem ao objeto original, desempenha um papel fundamental na estruturação do psiquismo. São os fantasmas do que outrora era a realidade. A técnica psicanalítica centra-se, em grande parte, na análise dos destinos desses objetos na transferência. Nos fundamentos da magia também se encontra o “morto”. Os espíritos são dos mortos.

O poder da palavra

O poder da palavra é o instrumento do poder do psicanalista. O estudo da palavra morte – e seus derivados – é particularmente interessante: a palavra morte apresenta, na consciência, os fundamentos do psiquismo, os núcleos sepultados, ligados ao narcisismo primário, ao incesto e à tragédia edípica. Os investimentos (catexias) que dão significado à palavra morte são investimentos de pulsão – pulsão de morte. Quando essa pulsão não encontra as palavras a que se ligar e transferir seu poder, aparecem angústia, letargia e as neuroses atuais.

O poder da palavra é evidente. A palavra que nos forma desde o berço, a que determina nossos afetos, pensamentos e atos, a que dissipa a angústia, a oração. Na raiz de cada palavra descobrimos uma pré-história que compreende a dos pais dos pais, que é atual e lhe dá seu poder. Na raiz de cada palavra há memórias que transcendem as do indivíduo e falam de um passado que é futuro, isto é, do destino.

As palavras criam os atos e as coisas. Na sessão analítica, com a palavra criamos o ato, que é a descoberta. As palavras dão existência às coisas, organizando, ligando uma série de percepções e dando-lhes significado. A palavra do paciente também exerce efeitos semelhantes sobre o analista.

A palavra do analista transformado em salvador ou redentor é a que com mais clareza revela a magia da mesma, ao obter resultados semelhantes aos dos magos, em função de seu poder absoluto.

São diferentes os destinos do poder da palavra do analista. Muito depende da sua capacidade para sustentá-lo. É constante o surgimento da resistência contra esse poder que, derivado da cena do incesto, comporta intensa culpa; é freqüente o rechaço a ele, com o que a análise perde sua eficácia e se torna estéril; se o analista se identifica com o salvador exerce o poder ilimitado que lhe confere a sugestão, mas perde seu lugar de analista.

Por fim, está o analista que assume o poder que lhe é conferido, dentro do enquadre específico da psicanálise, de maneira que é capaz de ajudar o paciente a modificar estruturas e reelaborar resistências, produzindo a alteração terapêutica do ego e cumprindo as finalidades terapêuticas da psicanálise.